

O PROGRAMA ALFA: UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA RUMO À INTEGRAÇÃO ACADÊMICA*

Facundo Solanas**

Os processos de integração regional, como a União Européia e o Mercosul, implicam a ampliação dos espaços de pertinência em escalas mais amplas, assim como a harmonização de diversos âmbitos e assimetrias. Um desses âmbitos a serem harmonizados são os sistemas educacionais dos Estados membros e, em uma escala mais avançada, os estudos “universitários e o reconhecimento dos títulos e diplomas, seja com a finalidade de exercer determinadas profissões nos outros Estados membros, seja com o objetivo de levar a cabo atividades meramente acadêmicas”.

Na União Européia, em face dos desafios que apresentam os projetos avançados de integração, adotou-se uma série de políticas públicas regionais ativas, destinadas a criar e a reforçar uma consciência comunitária que permita fundamentar em bases sólidas o processo de integração. Algumas dessas políticas traduziram-se em programas de intercâmbio de docentes, estudantes, pesquisadores e jovens em âmbito intracomunitário, como são os casos do Programa Sócrates, do Leonardo Da Vinci, entre outros.

Entre os diversos programas adotados pela União Européia com o objetivo de fomentar a cooperação entre instituições de ensino superior da América Latina e Europa, criou-se o Programa Alfa (América Latina Formación Académica) que, paradoxalmente,

* O presente artigo se baseia nas conclusões preliminares do mesmo estudo sobre o Programa Alfa, apresentadas em uma exposição no âmbito do XXII Congresso da ALAS, realizado em Concepción, Chile. Traduzido do espanhol por Fátima Murad.

** Licenciado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires (UBA), docente do UBA, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET), com sede no Instituto de Pesquisas Gino Germani da Faculdade de Ciências Sociais da UBA.

constitui uma das poucas ferramentas destinadas a promover a integração dos países latino-americanos.

Considerados os objetivos, a estrutura e as funções do Alfa, o que propomos aqui é uma análise teórico-metodológica qualitativa do programa, levando em conta fundamentalmente a perspectiva dos atores mais diretamente envolvidos na sua implementação. Para isso, realizamos um estudo de caso acerca da rede inter-universitária, Alfa Euro-Cone Sul, que constitui uma das 103 redes contempladas na sexta convocação do programa, a partir de entrevistas realizadas desde finais de 1998 até maio de 1999.

O que é o Programa Alfa?

O Programa América Latina Formação Acadêmica (Alfa) é um programa aprovado pela Comissão Européia em 10 de março de 1994, e inspirado na experiência da União Européia de realização dos programas de mobilidade e intercâmbio intra-comunitários, apoiados em redes de cooperação formadas por instituições de ensino superior. Vale esclarecer que embora a primeira fase do Programa (1994-1999) esteja concluída, e tenha sido aprovado para mais seis anos (2000-2005) o Alfa II, podemos afirmar, em linhas gerais, que não houve grandes modificações entre ambas as gerações do programa.

Para a primeira geração do Alfa, na qual concentramos nosso estudo de caso, os ambiciosos objetivos do programa eram os seguintes:

- “Fomentar a cooperação entre instituições de ensino superior da América Latina e Europa, de forma a ajudar a eliminar as deficiências e a superar as desigualdades e desequilíbrios entre os países de ambas regiões, mediante a melhoria do potencial científico, acadêmico e tecnológico da América Latina.
- Promover programas de cooperação, mediante redes de instituições de ensino superior da Europa e América Latina, para a realização de atividades acadêmicas conjuntas, da mobilidade de pós-graduados e estudantes universitários, assim como de outras

atividades que contribuam para a integração regional dos países latino-americanos e para reforçar o intercâmbio entre eles.” (Comisión Europea, s/d (a), p. 3).

Esse programa, em suas duas gerações,

corresponde aos eixos de ação estabelecidos pelo Regulamento (CEE) 443/92, relativo ao reforço da cooperação econômica de interesse mútuo, e constitui parte das linhas de ação definidas nos acordos de cooperação da terceira geração, firmados entre a Comunidade Européia e os países e regiões de América Latina. Nesse contexto, as ações de formação foram consideradas prioritárias, especialmente aquelas destinadas à formação de recursos de alto nível. (Comisión Europea, s/d (a))

A Comissão Européia financiava 80% do Programa Alfa, enquanto se exigia das instituições participantes, para cada rede e orçamento, uma contrapartida ou co-financiamento mínimo de 20% ou 25% para financiar certos componentes específicos do projeto. Isto quer dizer que, do orçamento inicial de 40 milhões de *ecus*, a União Européia contribuiu com cerca de 32 milhões de *ecus*, enquanto as instituições beneficiárias deviam contribuir por meio de recursos próprios ou de terceiros com um mínimo de 8 milhões de *ecus*.

As redes integradas por instituições de educação superior, através das quais o Programa Alfa operava, tinham de ter uma participação equilibrada de países europeus e latino-americanos. Cada rede devia ser constituída de pelo menos cinco instituições de cinco países diferentes, dos quais pelo menos três tinham de ser da União Européia e dois da América Latina. Os países incluídos no programa eram os 15 Estados membros da União Européia e 18 países de América Latina, a saber: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. As instituições de ensino superior que

constituem as redes tinham de ser formalmente reconhecidas como tal pelos governos desses países. Por sua vez, cada rede tinha de contar com uma instituição coordenadora, que assinava os contratos, encarregava-se das relações e comunicações entre todos os membros e designava o principal interlocutor perante a Comissão. Vale esclarecer que uma mesma instituição podia coordenar e participar de várias redes.

As atividades do Programa Alfa agrupavam-se em dois subprogramas:¹

A) Cooperação para a Gestão Institucional;

B) Cooperação para a Formação Científica e Tecnológica.

Cada subprograma, por sua vez, era dividido em áreas distintas, de acordo com suas atividades específicas:

Subprograma A

A. 1. Melhoria estrutural da educação superior

Essa área compreendia as seguintes atividades: gestão acadêmica e administrativa; reconhecimento acadêmico de graus, títulos e diplomas; melhoria, adaptação e, no caso, harmonização de currículos, inovação e sistematização da tarefa educacional e avaliação institucional.

Destinava-se a

gestores das universidades: Presidentes, Vice-chanceleres ou Reitores, Decanos ou Diretores de Centros de Ensino Superior, Diretores de Departamento, Gerentes ou Administradores de universidades ou centros universitários. Também professores ou pesquisadores de um determinado campo científico para realizar tra-

¹No início, as atividades do Alfa agrupavam-se em três subprogramas: A, B e C. Sem modificar a filosofia inicial nem os recursos destinados a cada tipo de atividade, considerou-se mais adequado para o programa o reagrupamento de suas atividades em apenas dois subprogramas. Para maior informação, ver Comisión Europea, s/d (b).

balhos de adaptação curricular, inovação e sistematização educacionais. (Comisión Europea, s/d (a), p. 7)

Pretendia-se que esses participantes atuassem conjuntamente na análise de experiências e na programação daquelas atividades, por meio de encontros em uma das instituições da rede, visitas de estudo, seminários, oficinas de trabalho ou cursos intensivos. A duração máxima estimada para a realização dessas atividades era de dois anos.

A. 2. *Cooperação ensino superior/empresas*

Essa área compreendia as atividades de cooperação entre instituições de ensino superior e empresas. E incluía dois tipos diferentes de ações:

- As que perseguiram “a *análise, para a melhoria institucional*, da vinculação Universidade-Empresa, desta perspectiva dual. Isto é, projetos implementados no interior das universidades que levam em conta os pontos de vista acadêmicos e empresariais para melhorar o grau de vinculação” (Comisión Europea, s/d (a), p. 8). Dentro desses projetos, tratava-se de analisar, comparar, debater ou programar ações que melhorassem a vinculação, levando em conta os pontos de vista e posições dos eventuais sócios.

- As que propunham “ações de *efetiva vinculação com as empresas*; por exemplo: encontros para discutir mudanças nos currículos das instituições; seminários sobre tendências prospectivas da pesquisa e desenvolvimento de caráter precompetitivo; análise conjunta da metodologia de aproximação e vinculação; participação paralela em atividades de gestão, etc. Nesta atividade é imprescindível a participação ativa das empresas na rede Alfa, seja individualmente ou por sua participação em fundações e/ou associações” (Comisión Europea, s/d (a), p. 8).

Os participantes nessas atividades, além dos representantes das empresas, eram os mesmos que os participantes nas atividades A.1. E, além disso, tanto os instrumentos para o desenvolvimento

das atividades como o que se refere à duração destas também eram os mesmos incluídos nas atividades A.1.

Subprograma B

B.1. Atividades preparatórias da mobilidade²

Essas atividades dividiam-se entre aquelas preparatórias da mobilidade de pós-graduados ou de estudantes (objeto nuclear do Programa Alfa); e os projetos acadêmicos eram de Ciências Econômicas e Sociais, Engenharia e Ciências da Saúde:

- Preparação da mobilidade de pós-graduados: Preparava essa mobilidade para continuar um programa de formação de doutorado, mestrado ou especialização profissional. Os atores desse subprograma eram professores de alguns dos campos científicos mencionados, que deviam definir em conjunto – em um período máximo de um ano – um programa específico de formação de pós-graduados, e estabelecer “as responsabilidades de cada instituição para solicitar em uma convocação posterior um auxílio para a mobilidade de pós-graduados (Subprograma B.3.)” (Comisión Europea, s/d (a), p. 10). Assim, para levar a cabo essas atividades, desenvolveram-se as seguintes ações dentro do B.1.: a definição do nível do programa de formação (programa de doutorado, mestrado, curso de especialização); o estabelecimento de um programa comum específico e novo de formação; acordos sobre a participação efetiva de cada instituição da rede na elaboração do programa (não se incluem os casos em que apenas a instituição coordenadora elabora o programa de formação); a identificação da instituição onde seria dado o curso de formação (a implementação deveria ocorrer em apenas uma instituição da rede, mas podia aceitar-se que uma parte do curso se realizasse em uma segunda instituição; e no caso de a rede propor justificadamente que o programa de formação se desenvolvesse em mais de dois lugares, a proposta seria analisada como excepcional); as previsões acerca

² Atualmente, com o Programa Alfa II, essas atividades apenas são permitidas a título excepcional para as instituições que não tenham recebido financiamento Alfa.

dos acordos que se assumiriam para facilitar a recepção dos bolsistas, o reconhecimento pela instituição de origem da atividade empreendida pelo bolsista, para a isenção de taxa, preços ou tarifas, assim como a integração da mobilidade de professores que participem de programa de formação de curta duração. As durações previstas eram de no máximo dois anos para doutorado ou mestrado e de um ano para especialização profissional.

- Preparação da mobilidade dos estudantes: o objetivo era preparar a mobilidade de estudantes dos dois últimos anos de uma titulação superior para realizar um curso intensivo (curricular ou extracurricular), em uma das instituições da rede, ou para realizar estudos que fizessem parte de um currículo dado regularmente. Previa-se dois tipos de desenvolvimento das atividades de B.1.: as instituições da rede preparavam um programa específico (cursos intensivos curriculares ou atividade formativa extracurricular). O desenvolvimento de B.1., neste caso, seria idêntico àquele a que nos referimos para a mobilidade de pós-graduados, embora o tempo previsto de curso para os estudantes fosse inferior a seis meses. Por outro lado, o desenvolvimento de B.4 implicava ainda que os estudantes cumprissem um período de formação em uma das instituições da rede, seguindo uma parte do programa já oferecido regularmente pela universidade, e que fossem reconhecidos pela instituições de origem.

Neste caso, as atividades de preparação da mobilidade eram orientadas no sentido de estabelecer o reconhecimento posterior das atividades de formação de estudantes por parte das universidades de origem. A duração prevista dos cursos era de 6 a 10 meses.

B.2. Concepção/desenho de projetos conjuntos de pesquisa

Essas atividades tinham como objetivo estimular a colaboração entre pesquisadores dos países aos quais se destinava o Programa Alfa, e exclusivamente favorecer os encontros em que esses pesquisadores concebessem um projeto comum de pesquisa.

O programa Alfa não previa o financiamento do desenvolvimento desses projetos. Os projetos de B.2. eram de ciências econômicas e sociais, engenharia e ciências da saúde. Os pesquisadores das instituições participantes da rede e desses campos científicos é que podiam receber auxílio para deslocamentos e estadia com o objetivo de conceber o projeto conjunto de pesquisa. O B.2. previa auxílio para permanências inferiores a uma semana em uma instituição da rede, com a finalidade de conhecer melhor o trabalho desenvolvido em uma determinada instituição a colaborar na concepção do projeto.

Essas redes tinham de ter poucos membros para serem operacionais em função da concepção em conjunto de um projeto de pesquisa. A duração máxima para o desenvolvimento dessas atividades era de um ano.

B.3. Mobilidade de pós-graduados

O objetivo dessas atividades era a mobilidade de pós-graduados (em nível de doutorados, mestrados e especialização profissional) para cursar um programa de formação elaborado pela rede no desenvolvimento de atividades B.1., ou por meio de encontros financiados pela Comissão Europeia.

Ao realizar os acordos requeridos em B.1., a rede solicitava auxílio à Comissão para desenvolver o programa de formação, oferecendo garantia aos bolsistas pós-graduados interessados.³ A tendência era dar prioridade aos candidatos que desenvolvessem tarefas docentes ou de pesquisa. Da instituição que recebia os bolsistas, exigia-se que não cobrasse deles o pagamento pela inscrição. Previa-se também o financiamento das viagens e alojamento de professores das instituições da rede, para permanências curtas nas instituições que acolhiam os pós-graduados. A duração da estadia dos bolsistas era de no máximo dois anos

³ A quantia mensal máxima da bolsa para gastos de estadia por pós-graduado era de 750 ecus (10 meses por ano) e a ajuda máxima para gastos de viagem era de 1.500 ecus por bolsista. Além disso, previa-se um auxílio para aperfeiçoamento linguístico por pós-graduado, que não devia ultrapassar 945 ecus.

para os que cursavam doutorado ou mestrado e de um ano para especialização profissional.

Os itinerários para os deslocamentos dos bolsistas podiam ser realizados da seguinte maneira, e sempre em instituições de educação superior da mesma rede:

- De uma instituição latino-americana para uma instituição europeia;
- De uma instituição europeia para uma instituição latino-americana;
- De uma instituição latino-americana para outra instituição latino-americana.

B.4. Mobilidade de estudantes

Essas atividades eram orientadas no sentido da mobilidade para a formação complementar de estudantes dos dois últimos anos de uma titulação superior (graduação), para cursar um programa de formação preparado pela rede, no desenvolvimento de atividades B.1. ou sem contar com o auxílio prévio de um financiamento comunitário. Suas características gerais são similares às das atividades B.3.⁴

Outras características do Alfa

Os projetos acadêmicos que tinham prioridade eram aqueles referentes às seguintes disciplinas: Ciências Econômicas e Sociais em geral, como meio fundamental para atingir os objetivos globais do programa e, especialmente: Gestão de Empresas; Administração Pública; Economia e Direito Econômico; Estudos de Meio-Ambiente; Integração Regional; Desenvolvimento Rural; Planejamento Regional e Urbano; Política Social e Educacional; Engenharia; Medicina e outras Ciências da Saúde, tendo em vista

⁴ Neste caso, a quantia mensal máxima da bolsa para gastos de estadia por estudante era de 600 ecus (10 meses por ano), correspondendo ao mesmo teto máximo para gastos de viagem. No caso do aperfeiçoamento lingüístico, o montante era de 1000 ecus.

contribuir para a melhoria da qualidade das estruturas de ensino superior nesses setores.

A previsão era que o programa fosse executado em três etapas diferentes: na primeira, iniciada em finais de 1994, foram lançados os projetos A.1., A.2., B.1. e B.2.; na segunda, no início de 1996, foram lançadas as atividades de B.3.; e, finalmente, no início de 1997, desenvolveram-se as atividades correspondentes a B.4.

O Alfa suscitou grandes expectativas tanto por parte dos países da União Europeia como, sobretudo, por parte dos países da América Latina incluídos no programa. Pelo que se depreende de suas publicações, a União Europeia esperava que o Alfa contribuísse “sobretudo para melhorar o nível de preparação e de formação universitária para responder às necessidades econômicas, sociais e culturais dos países latino-americanos; para aumentar a capacidade de resposta das instituições de ensino superior em face dos desafios criados pelas mudanças sociais e econômicas; para a maior harmonização dos programas das universidades latino-americanas e europeias; para a formação de recursos humanos capazes de criar um entorno econômico e social favorável ao desenvolvimento e à inovação, e também a um maior entendimento recíproco dos comportamentos humanos e realidades dos dois continentes; e, finalmente, para alcançar uma efetiva colaboração entre esses dois continentes, buscando uma solução conjunta e equilibrada dos problemas comuns a ambas regiões” (Comisión Europea, s/d (a), p. 15).

Mas, além dos aspectos declarativos nos quais se demarca o Programa, cabe destacar que o Alfa tornou-se a principal ferramenta (se não a única) de intercâmbio de estudantes, docentes e pesquisadores no âmbito do Mercosul, e nesse sentido contribuiu para suprir em parte um dos grandes déficits que o Mercosul apresenta nesse aspecto.

Estudo de caso: Rede Alfa-Euro Cone Sul

Metodologia, seleção e antecedentes do caso

No presente estudo, propusemo-nos a realizar uma análise teórico-metodológica qualitativa, partindo da base da reflexão epistemológica do paradigma interpretativo, dado que este leva em conta não apenas a epistemologia do sujeito cognoscente, mas também a do sujeito conhecido. Com isto, faz da capacidade de conhecer a última parte do princípio de igualdade essencial entre os homens e, por essa razão, considera o conhecimento como uma construção cooperativa. O pressuposto básico do paradigma interpretativo – que se encontra em vias de consolidação – é “a necessidade de compreensão do sentido da ação social no contexto do mundo da vida e da perspectiva dos participantes” (Vasilachis de Gialdino, 1993, p. 43). Dessa maneira, o interesse situa-se no contexto do mundo da vida, razão pela qual o método para conhecê-lo “não pode ser a observação exterior dos fenômenos, mas a compreensão das estruturas significativas do mundo da vida por meio da participação nelas, a fim de recuperar a perspectiva dos participantes e compreender o sentido da ação no marco de relações intersubjetivas” (Vasilachis de Gialdino, 1993, p. 48).

De acordo com nossa estratégia teórico-metodológica, recorreremos a observações e entrevistas semi-estruturadas dadas a informantes qualificados, na tentativa de recuperar a perspectiva dos atores diretamente envolvidos. Para isso, realizamos um estudo de caso de uma das 103 redes interuniversitárias correspondentes à sexta convocação do Programa Alfa. Selecionamos a rede denominada Alfa-Euro Cone Sul, composta pela Universidade de Grenoble II – Pierre Méndes France (França), coordenadora da rede, o Centro de Estudos Avançados (CEA) da Universidade de Buenos Aires (UBA), a Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS (Brasil), a Universidade do Chile, a Universidade Autônoma de Madri (Espanha) e a Universidade de Sussex.

O projeto denominava-se “Reestruturações industriais e territoriais e novos papéis do Estado em face da globalização”⁵, e correspondia ao tipo B.3. O objetivo era a mobilidade dos pós-graduados e o campo científico correspondente era o de “Economia e Direito Econômico”. Em relação ao financiamento da rede, 75% estavam a cargo da Comissão Européia, que contribuiria com cerca de 120.000 euros, enquanto a rede contribuiria com cerca de 40.000 euros, o que perfaz um total de cerca de 160.000 euros.

Essa rede inter-universitária, a Euro-Cone Sul, teve como antecedente o projeto denominado “*Sciences Economiques et Sociales*”⁶ (Ciências Econômicas e Sociais), do tipo B.1., correspondente à primeira convocação do programa, e que constituía uma atividade preparatória necessária para o desenvolvimento da mobilidade. Embora a Universidade de Chile e a Universidade de Sussex tenham participado dessa primeira etapa, acabaram não participando ativamente da segunda, razão pela qual nossa pesquisa ficou circunscrita à experiência piloto posta em prática pelas quatro universidades restantes.

A rede Euro-Cone Sul foi selecionada como estudo de caso intrínseco,⁷ dado nosso interesse especial em saber como funcionava esse programa de integração, em um conjunto particular de graduados universitários: os que estudam os processos de integração regional. Levando em conta as características particulares da rede e a forma como eram organizados seus cursos, um dos principais conteúdos acadêmicos estava centrado no Mestrado “Processos de integração regional com ênfase no Mercosul”, oferecido no CEA da UBA.

Para a realização desse estudo de caso exploratório simples, que se está quase concluído,⁸ trabalhamos com um número reduzido

⁵ O projeto é o n. 6.0160.9.

⁶ O projeto era o n. 1.0418.6.

⁷ Para maior informação, ver Stake, 1994.

⁸ Embora atualmente estejamos realizando uma segunda rodada de entrevistas com os bolsistas.

de unidades de análise, e estas eram os bolsistas (estudantes universitários de pós-graduação ou doutorado), os docentes e responsáveis da rede, que se mobilizaram no marco do Programa Alfa. Partimos de hipóteses não definidas, dado que nossa finalidade não era pô-las à prova, mas sim criá-las a partir de nosso estudo.

Realizamos entrevistas ativas – isto é, pressupondo o princípio de igualdade entre o entrevistador e o entrevistado – até esgotarem os temas propostos com a totalidade dos bolsistas, os professores beneficiados por essa experiência piloto, e os responsáveis encarregados da Argentina, Espanha e França. As entrevistas foram realizadas entre os meses de novembro de 1998 e maio de 1999, período em que os bolsistas estavam participando ativamente do programa. Na medida em que se realizavam as entrevistas, estas eram analisadas e codificadas, o que possibilitava reorientar algumas perguntas semi-estruturadas dentro de nosso esquema flexível.

Funcionamento da rede e análise com base nas entrevistas

O funcionamento do programa, no caso do Alfa Euro-Cone Sul, era implementado da seguinte maneira: durante os primeiros meses do ano acadêmico, conforme o calendário latino-americano (março a maio), seriam selecionados os bolsistas. Em meados do ano, os bolsistas europeus (3) e brasileiros (3), viajariam a Buenos Aires para incorporar-se ao programa do Mestrado “Processos de integração regional com ênfase no Mercosul”, do CEA da UBA, até completar seu primeiro ano. Ao concluir o ano acadêmico (em dezembro), os bolsistas argentinos (4) e brasileiros viajariam a Madri e Grenoble para integrar-se aos cursos selecionados pelas respectivas universidades anfitriãs, enquanto os bolsistas europeus aproveitariam o período de recesso universitário para redigir sua tese até o mês de maio. Assim como os bolsistas europeus, os bolsistas latino-americanos cursariam as matérias selecionadas desde o mês de janeiro de 1999 até sua conclusão no mês de maio, e aproveitariam o tempo restante até o mês de outubro para redigir sua tese.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com base em poucas perguntas básicas. No caso dos bolsistas e professores, destinavam-se sobretudo a tentar conhecer as expectativas que tinham no início, a buscar captar como avaliavam o programa e os aspectos que na sua opinião deviam ser melhorados, assim como os sentimentos e emoções que a situação provocava neles. No caso dos responsáveis institucionais, as perguntas estavam mais voltadas a conhecer os aspectos relacionados aos objetivos visados no âmbito institucional, os obstáculos que enfrentaram, o perfil buscado na seleção dos candidatos e aspectos que achavam que deviam ser melhorados. Mas cada entrevista seguia um molde particular, conforme um esquema reflexivo e flexível (Hammersley e Atkinson, 1994, p. 128-133), levando em conta especialmente as diversas situações e instâncias em que se encontrava cada bolsista, professor e responsável pelo programa. Vale esclarecer que, por razões de espaço, fizemos um breve resumo da análise das entrevistas realizadas.

Os bolsistas

Iniciaremos pela análise das entrevistas realizadas com os principais protagonistas da mobilidade acadêmica: os bolsistas. Trata-se de estudantes de mestrado e doutorado. De cada uma das dez entrevistas realizadas, podemos depreender, em linhas gerais, duas “posições” comuns e reiteradas com relação ao Alfa. Em primeiro lugar, o programa em si é apoiado incondicionalmente pela totalidade dos entrevistados. Em geral, destaca-se o caráter fortemente positivo do programa, “a oportunidade” que representa transferir-se a um outro lugar, “compartilhar” diversas coisas com outras culturas, “comparar” diferentes realidades, viver experiências “enriquecedoras”, a possibilidade de estabelecer contatos em âmbito acadêmico e profissional, e diversos aspectos positivos que têm a ver com o contexto da mobilidade promovida pelo Alfa.

Em segundo lugar, a outra referência é dada pelo lado crítico dos bolsistas, e está relacionada a determinados déficits provenientes

da organização, da informação e a certos entraves administrativos. Quando se pergunta aos entrevistados sobre os possíveis aspectos que seria preciso melhorar, apenas um tem dúvida acerca de alguma dessas questões, enquanto os demais de imediato referem-se criticamente a algum desses aspectos.

Das críticas feitas pelos entrevistados, alude-se, por um lado, às “barreiras burocráticas” nas transferências de dinheiro, que em muitos casos levaram a que os bolsistas tivessem de pagar eles próprios suas passagens de avião, até conseguirem recuperar um dia em algum local de destino – não imediatamente – a soma desembolsada. No momento de lançar “culpas”, há os que sustentam que as burocracias das diversas universidades potencializaram-se mutuamente e, por essa razão, a responsabilidade é compartilhada.

Por outro lado, no que diz respeito ao déficit de informação, muitos aludem a que em sua universidade não se dispunha de informações completas, as informações se cruzavam e costumavam circular diferentes versões. Em alguns casos, menciona-se o grau de improvisação de algumas atividades, como por exemplo, não saber com certeza a data do início das atividades acadêmicas e, a convocação repentina para se apresentar para a seleção dos bolsistas – alguns dos quais renunciaram à possibilidade por esse motivo. Nesse sentido, a maior parte dos entrevistados reivindica maior coordenação entre as várias universidades e homogeneidade de informação.

Com relação a um dos “problemas” que o Alfa traz consigo, muitos bolsistas mencionaram a defasagem existente entre os calendários acadêmicos europeu e latino-americano, o que nos dois casos mais graves provocou um ano de atraso na conclusão dos estudos de pós-graduação de dois estudantes. Além disso, no caso dos bolsistas latino-americanos, ao chegar a Madri ou Grenoble, constatavam que algumas das matérias que supostamente deviam cursar já tinham sido dadas, ou que o programa que tinham recebido estava desatualizado e, portanto, essas disciplinas já não eram mais oferecidas.

Alguns bolsistas também formularam não apenas críticas mas também elogios, quanto a certos aspectos acadêmicos. Alguns questionaram especificamente os enfoques predominantemente economicistas sobre a integração. Os elogios diziam respeito ao fato de poderem participar de seminários para doutorandos por meio da dinâmica e da metodologia de trabalho, terem acesso a material bibliográfico atualizado, poderem abordar temáticas distintas e conteúdos que não estudariam em seu país de residência, assim como a perspectiva multidisciplinar da abordagem (no caso de um bolsista, isso também foi motivo de questionamentos).

Quanto às expectativas acadêmicas que tinham com relação ao intercâmbio, pela informação que haviam recebido, alguns bolsistas constataram que enquanto pensavam que estudariam uma disciplina, ao chegar à universidade anfitriã constavam que tinham de se adaptar a um programa completamente diferente.

As expectativas prévias ao período de bolsa são muito variadas e dependem de muitos fatores, que no momento preferimos não abordar.

Apesar de alguns problemas que teve de enfrentar, a totalidade dos bolsistas não deixa de ponderar as oportunidades e vantagens que o Alfa lhes proporcionou. Um dos bolsistas mais críticos com relação ao programa assinalava: “A oportunidade está aqui, em todas as bibliotecas, em poder ver pessoas, em poder fazer entrevistas, complementar informações acerca de nossos projetos de tese ...”. Além disso, em linhas gerais, pondera-se a boa relação e o bom tratamento que receberam das pessoas e dos professores das instituições.

Os professores e responsáveis pela rede

No que diz respeito aos professores que se mobilizaram (3) e aos organizadores (6, dos quais 2 também integram o outro item), podemos perceber um escasso interesse demonstrado pelos primeiros (embora 2 deles também sejam responsáveis encarregados do programa), em relação aos segundos.

Entre os professores, as respostas às perguntas das entrevistas tenderam a ser relativamente muito sucintas e a recorrer a conceitos de alguma forma naturalizados, como, por exemplo, quando foram questionados sobre os objetivos perseguidos pela rede respondiam: “melhorar a relação universitária tanto para estudantes como para docentes”, “intercambiar experiências”, “integrar as instituições latino-americanas e européias em um instrumento que permita aos professores que nos comuniquemos”.

Tanto professores como responsáveis encarregados destacam claramente as virtudes do Alfa. Quanto aos problemas surgidos fundamentalmente em relação ao aspecto administrativo, embora dois professores não considerassem que isso lhes dissesse respeito durante a entrevista, os responsáveis não deixaram de assinalar a necessidade de rever essa questão antes de se iniciar uma nova etapa do programa. Uma das possíveis soluções seria obter “maior autonomia financeira”.

Três responsáveis também aludem à “desmesurada quantidade de energia investida”, visto que se levou cerca de quatro anos para conseguir pôr a rede em funcionamento, e a necessidade de que isso se configure em maiores resultados concretos. Isso se faria através de um maior número de intercâmbios de docentes e estudantes, que poderia ter como contrapartida uma redução do número de visitas a título organizacional, como propõe um dos responsáveis.

Outro ponto assinalado pela maioria dos responsáveis pelo Alfa é a necessidade de que a rede tenha continuidade, por um lado administrativamente, através da renovação dos contratos, e, por outro lado, estimulando a participação de doutorandos, porque graças a eles é possível montar uma rede de “contatos muito importantes para futuras projeções de futuros intercâmbios e linhas de pesquisa”.

Por último, um dos organizadores destaca a necessidade imperiosa de “constituir redes temáticas” e ao mesmo tempo sustenta que “o intercâmbio tem efeitos duradouros..., desde que essas redes

se constituam através de laços informais, de conhecimento e de trato pessoal com membros de outras universidades; senão é impossível.”

A rede no futuro e questões a partir da análise

Na análise brevemente sintetizada nas linhas precedentes, que constitui um estudo de caso exploratório sobre a rede Alfa Euro-Cone Sul, tentou-se captar, de uma perspectiva interpretativa, a natureza dos atores mais diretamente envolvidos. Embora os resultados do estudo não possam ser extrapolados a outras redes do Alfa, consideramos que algumas dessas questões podem ser úteis no momento de constituir e/ou redesenhar algumas redes inter-universitárias.

Recentemente, a rede Alfa-Euro Cone Sul incorporou outras duas universidades, que substituem as duas que não participaram do primeiro intercâmbio, e que durante o ano em curso começaram a intercambiar bolsistas e professores, a saber: a Universidade da República de Montevideu (Uruguai) e a Universidade de Bolonha (Itália).

No que se refere a este estudo de caso, existem algumas questões que nos levam a formular pelo menos duas perguntas sobre o futuro dessa rede em particular, embora em muitos casos possam ser extrapoladas a outras:

1) Os entraves burocráticos que não permitiam liberar os fundos destinados aos bolsistas, assim como a falta de informações sobre questões centrais do programa, podem ser atribuídos a um déficit administrativo, ou existe uma luta política interna universitária em uma ou em todas as universidades, que direta ou indiretamente prejudica a integração acadêmica?

2) Levando em conta o esforço realizado pelos responsáveis pela rede, é possível que esta renda os mesmos frutos esperados quando alguns professores não demonstram um vivo interesse pelo programa em relação ao esforço investido pelos primeiros, ou quando a quantidade de bolsistas é superior apenas à dos dois primeiros?

Apesar de todo esse conjunto de entraves e inconvenientes operacionais suscitados pela experiência piloto dessa rede inter-universitária, vale destacar que a avaliação e o balanço realizado pelos principais beneficiários, os bolsistas, não deixa de ressaltar as virtudes e oportunidades que experiências dessa natureza permitem colocar a seu alcance. Isso nos leva a propor, ou pelo menos a especular a possibilidade de ampliar esse tipo de intercâmbios no interior da região latino-americana e, em particular, do Mercosul.

Reflexões Finais

Os programas de mobilidade da União Européia destinados aos setores acadêmicos, profissionais e à juventude em geral, põem em evidência o caráter descentralizado desse tipo de política pública, ao mesmo tempo que propiciam a integração regional a partir dos atores envolvidos. Nesse aspecto, a experiência européia nos obriga a questionar sobre a situação das iniciativas em matéria de educação e formação no Mercosul, e instiga a discutir sobre questões cada vez mais inadiáveis, como o papel do Estado e das universidades na construção desses processos de integração regional. Com isso, longe de pretender propor a reedição de um modelo de integração transposto a nossas latitudes, acreditamos que não se pode deixar de assinalar que, à luz das medidas implementadas na União Européia, devemos repensar nosso ainda imaturo processo de integração acadêmica. Para isso é necessário tomar consciência da relação existente entre a participação ativa na construção desses processos e do tipo de integração que se pretende obter.

Para que a integração não se restrinja a apenas um setor particular das sociedades dos diferentes Estados membros, os diferentes atores e, especialmente, as universidades devem envolver-se ativamente na construção do Mercosul.

É triste, ou no mínimo paradoxal, que o principal (senão o único) programa de intercâmbio e cooperação que envolve instituições, estudantes, docentes e pesquisadores do Mercosul, o Programa Alfa – que em parte contribui para preencher o vazio

deixado pelo Estados dos países membros –, circunscreva-se às políticas públicas de mobilidade da União Européia. Nesse sentido, o intercâmbio e a mobilidade acadêmica entre os profissionais, docentes e pesquisadores do Mercosul e dos países de América Latina, promovidos por esse programa, apesar de todas as dificuldades que possam resultar de sua implementação, podem ser vistos como uma forma ativa e interessante para pensar os contornos e a execução de políticas públicas de integração acadêmica na região.

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ DE LA PORTE, H. La mobilité des étudiants au sein de l'Union européenne, *Formation Professionnelle*. Paris, n°10, janvier-avril, 1997/I.
- ANSALDI, W. Una identidad en construcción. Integración cultural. *Encrucijadas*. Buenos Aires, UBA, Año 3, n° 6, noviembre de 1997.
- BÉDUWÉ, C., Mobilité géographique des étudiants diplômés. Probabilités individuelles et effets structurels. *Formation Emploi*. Paris, n° 48, octobre-décembre, 1994.
- BOUSQUET, A. Éducation et formation dans l'Union Européenne. Un espace de coopération. *La documentation Française*. Paris, 1998.
- COMISIÓN DE LAS COMUNIDADES EUROPEAS. Carta Comunitaria de los derechos sociales fundamentales de los trabajadores. *Documentos Europeos*. Luxemburgo, 6/90, Mayo, 1990.
- COMISIÓN EUROPEA. ALFA. *América Latina Formación Académica. Guía del Candidato*, s/d (a).
- _____. ALFA. *América Latina Formación Académica. Sesión de presentación*. Universidad de Coimbra, Programa de Intercambios entre la União Européia y América Latina, s/d (b).
- _____. ALFA. *América Latina Formación Académica. Situación al 15 de marzo de 1994*.
- _____. ALFA. *América Latina Formación Académica. Formulario para la Presentación de Candidaturas*, octubre 1996.

COMISIÓN EUROPEA. Educación, Formación, Juventud. La cooperación en educación en la União Européia 1976-1994. *Estudios*. Luxemburgo, n° 5, 1995.

COMMISSION EUROPÉENNE. Éducation, Formation, Recherche. Les obstacles à la mobilité transnationale. *Bulletin de l'Union Européenne*, Supplément 5/96, Livre Vert, Document établi sur la base du document COM (96) 462 Final.

_____. *Rapport de la Commission sur la phase initiale de mise en oeuvre du programme Socrates 1995-1997. Document de Travail*, SOC/COM/98/043.

_____. *Final evaluation of the Socrates programme. General orientations*. Doc 5, SOC/COM/98/044, Brussels, 3 november 1998.

_____. Éducation, Formation, Jeunesse: *Développement des ressources humaines et stratégies de formation: expérience et résultats du Programme Eurotecnet*. Les quatre domaines prioritaires, document, Luxembourg, 1995.

_____. Éducation, Formation, Jeunesse. *Le guide des programmes*. Luxembourg, 1997.

DEGUINE, H. *Etudier en Europe*. Paris: Hachette, 1998.

FLORY, M. *Etudiants d'Europe*. Paris: La documentation Française, 1993.

FRAZIER, C. *L'Education et la Communauté Européenne*. Paris, CNRS DROIT, 1995.

CEFIR. *Seminario-Taller Integración Regional: La Formación Superior y la Formación Continua*. Montevideo, 14-17 de abril de 1997, Documento Final.

FERRER, A. Los dos modelos de MERCOSUR. Integración sostenible o Consenso de Washington. *Encrucijadas*. Buenos Aires, UBA, Año 3, n° 6, noviembre de 1997.

FORNI, F. H.; GALLART, M. A. y VASILACHIS DE GIALDINO, I. *Métodos Cualitativos II. La práctica de la investigación*. Buenos Aires: CEAL, 1993.

GARCÍA GUADILLA, C. *Situación y principales dinámicas de transformación de la educación superior en América Latina*. Caracas: CRESALC/UNESCO, 1996.

GRANDI, J. Los siete desafíos y los siete déficit de la integración para América Latina. *La formación de cuadros para la integración regional*. Montevideo: CEFIR, 1995.

GLASER, B. G. and STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine Publishing Company, 1969.

GRATIUS, S. *El MERCOSUR y la Comunidad Europea: una guía para la investigación*. Instituto de Relaciones Europeo-Latinoamericanas (IRELA), Documento de Trabajo N° 37.

GREBE LOPEZ, H. La relevancia de la educación superior en la presente etapa de la integración latinoamericana. *Integración regional: la formación superior y la formación continua*. Montevideo: CEFIR, 1997.

HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. *Etnografía. Métodos de investigación*. España: Paidós, 1994.

HIMELFARB, C. Politiques macroeconomiques de stabilisation et integration regionale. *Programme Alfa*.

HOLSTEIN, J. A. e GUBRIUM, J. F. The active interview. *Qualitative Research Methods*. London: Sage Publications, vol. 37, 1995.

HUBERMAN, M. e MILES, M. Data management and analysis methods. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (editors). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications, 1994.

INSTITUTO DE RELACIONES EUROPEO-LATINOAMERICANAS (IRELA). *La cooperación europea hacia América Latina en los 90: una relación en transición*. Dossier n° 51, diciembre de 1994.

KLOTZ, V. ¿Qué relevancia tienen la educación superior y la formación como herramientas de apoyo para la integración regional? La perspectiva europea. *Integración regional: la formación superior y la formación continua*. Montevideo: CEFIR, 1997.

MASSIT-FOLLÉA, F. e EPINETTE, F. *L'Europe des universités. L'enseignement supérieur en mutation*. Paris: La documentation Française, 1992.

MAXWELL, J. A. *Qualitative research design. An interactive approach*. London: Sage Publications, 1996.

MINISTERIO DE CULTURA Y EDUCACIÓN. MERCOSUR. *SECTOR EDUCATIVO. Documentos Oficiales*. Buenos Aires, 1999.

_____. *Avances en el Proceso de Integración. Sector Educación del MERCOSUR. Memoria Trienal*. Buenos Aires, Dirección Nacional de Cooperación Internacional, Agosto de 1994.

_____. *Plan Trienal para el Sector Educación en el Contexto del MERCOSUR*. Buenos Aires, Serie Perspectiva Internacional, 1992.

PEÑA, F. Requerimientos que la integración regional plantea en materia de educación superior y formación: una visión estratégica desde la perspectiva latinoamericana. *Integración regional: la formación superior y la formación continua*. Montevideo: CEFIR, 1997.

PERTEK, J. *La reconnaissance des diplômes en Europe*. Paris: PUF, 1999.

_____. Une dynamique de la reconnaissance des diplômes à des fins professionnelles et à des fins académiques: réalisations et nouvelles réflexions. *Revue du Marché Unique Européen*. Paris, 3: Éditions Clément Juglar, 1996.

PROGRAMME ALFA. *Des restructurations industrielles et territoriales et nouveaux rôles de l'Etat aux défis de la mondialisation de l'économie*. Université Pierre Mendès France.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (editors). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications, Cap. 14, 1994.

VALLES, M. S. *Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Ed. Síntesis, 1997.

VASILACHIS DE GIALDINNO, I. La pobreza y el trabajo a la luz de las nuevas formas de conocer. *Jornadas de Sociología: El fin de siglo y los dilemas sociales*. Universidad de Belgrano, Serie Posgrado, n° 10, 1999.

_____. *Métodos Cualitativos I. Los problemas teórico-epistemológicos*. Buenos Aires: CEAL, 1993.

VUIJLSTEKE, M. Integración regional y educación: el Colegio de Europa en Brujas. *Integración regional: la formación superior y la formación continua*. Montevideo: CEFIR, 1997.

YIN, R. K. *Applications of case study research*. California: Sage Publications, 1993.

RESUMO: O Programa Alfa enquadra-se nas políticas públicas de mobilidade e intercâmbio da União Européia, destinadas a fundamentar em bases sólidas o processo de integração regional. Paradoxalmente, esse programa constitui um dos poucos instrumentos destinados a fomentar o intercâmbio de docentes, alunos e pesquisadores no Mercosul. A partir dos objetivos, estrutura e funções do Alfa, realiza-se aqui uma análise teórico-metodológica qualitativa, levando em conta fundamentalmente a perspectiva dos atores envolvidos. Para isso, realizamos um estudo de caso sobre uma de suas redes interuniversitárias: Alfa Euro-Cone Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Programa – Alfa – Estudo – Caso – Mercosul – Universidades – Integração.

ABSTRACT: The Alfa Program fits in the public procedures of mobility and interchange in the European Union with the purpose of consolidating the process of regional integration. Contradictory as it may seem, this program is one of the few instruments that are able to increment the interchange of teachers, students and researchers with the Mercosul, the Southern Common Market. Having in mind the objectives and the structure of the Alfa Program, this paper analyses qualitatively its method and theory from the point of view of the agents involved. In order to accomplish this task, a case study of one of its intrauniversity nets is presented: Alfa Euro – Cone sur (Southern Common Market).

KEYWORDS: program, Alfa, study, case, mercosul, universities, integration.